

Figura 1 - Almirante Lemos Basto

Fonte: acervo do Departamento de Formação Marinheira da EN

## ALMIRANTE ALBERTO DE LEMOS BASTO, CRIADOR DA ORDEM DE VELEIROS DA ESCOLA NAVAL

---

*Capitão de Mar e Guerra (Ref) Pedro Gomes dos Santos Filho<sup>1</sup>*

---

No dia 8 de setembro de 1946, um vento Sul com baixa intensidade soprava nas águas da Baía de Guanabara. Às 14 horas, mais de 70 embarcações encontravam-se posicionadas próximas à linha de partida, para dar início à competição denominada Taça Escola Naval, que iria se tornar a prova náutica de maior envergadura da América Latina: a Regata Escola Naval.

O tradicional evento, que hoje tem participação internacional e reúne centenas de embarcações e mais de mil

competidores, existe devido ao incentivo de um grande marinheiro: o Almirante Alberto de Lemos Basto.

O presente artigo tem como propósito divulgar a carreira do notável Almirante, líder incontestado, padrão de Oficial de Marinha, e registrar as suas iniciativas em prol do desenvolvimento do esporte náutico na Escola Naval e no país.

O Almirante Lemos Basto nasceu a 8 de setembro de 1881, na Inglaterra. Sentou praça de Aspirante em 19 de janeiro de 1898, formando-se guarda-marinha em 2 de abril de 1902. Alcançou o Almirantado em 1939, sendo promovido a Almirante de Esquadra em

---

<sup>1</sup> Doutor em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra. Com a colaboração do Departamento de Formação Marinheira da Escola Naval.

1949, após ter passado para a reserva quatro anos antes.

Como oficial moderno, Lemos Basto pertenceu ao grupo denominado Arquiduchos, movimento de oficiais abnegados e motivados que, apesar do crescente desgaste e obsolescência do material, conseguiram transformar a década de 1920 em um período áureo para a artilharia naval.

Serviu duas vezes no Cruzador *Bahia* e na Flotilha de Submersíveis. Como submarinista, recebeu o Submarino *F3*, foi seu primeiro Comandante, fiscalizou a construção do Submarino *Humaitá* e o comandou.

Durante a brilhante carreira, recebeu diversos elogios dos quais dois marcaram a sua trajetória. Um deles foi reconhecido por Ordem do Dia, de 22/11/1915, do Estado-Maior da Armada, pela rapidez e eficiência com que prestou socorro às vítimas do naufrágio da barca *Sétima*, na Baía de Guanabara. O outro, registrado em telegrama do Ministro da Marinha por ordem do chefe do Governo Provisório, faz menção a sua atuação contra os revoltosos do Forte de Óbidos, no Rio Amazonas, durante a Revolução Constitucionalista de 1932 contra o Governo de Getúlio Vargas. As qualidades de Lemos Basto ficaram evidentes nesse episódio, que merece uma breve descrição.

Em apoio aos revoltosos paulistas, a guarnição do Forte de Óbidos se apoderou de duas embarcações, que foram artilhadas com canhões de 75mm, e subiu o rio rumo a Manaus, com o intuito de depor o governador do Estado e estender a revolução pela região Norte. Tomando conhecimento da situação, o Capitão dos Portos, Capitão de Fragata Lemos Basto, após aguardar instruções do Rio de Janeiro que demoraram a chegar, decidiu agir por conta própria. Incorporou à Marinha dois navios mercantes e três embarcações fluviais, guarneceu as embarcações com militares em postos chave e partiu para o combate, comandando a força naval improvisada. O en-

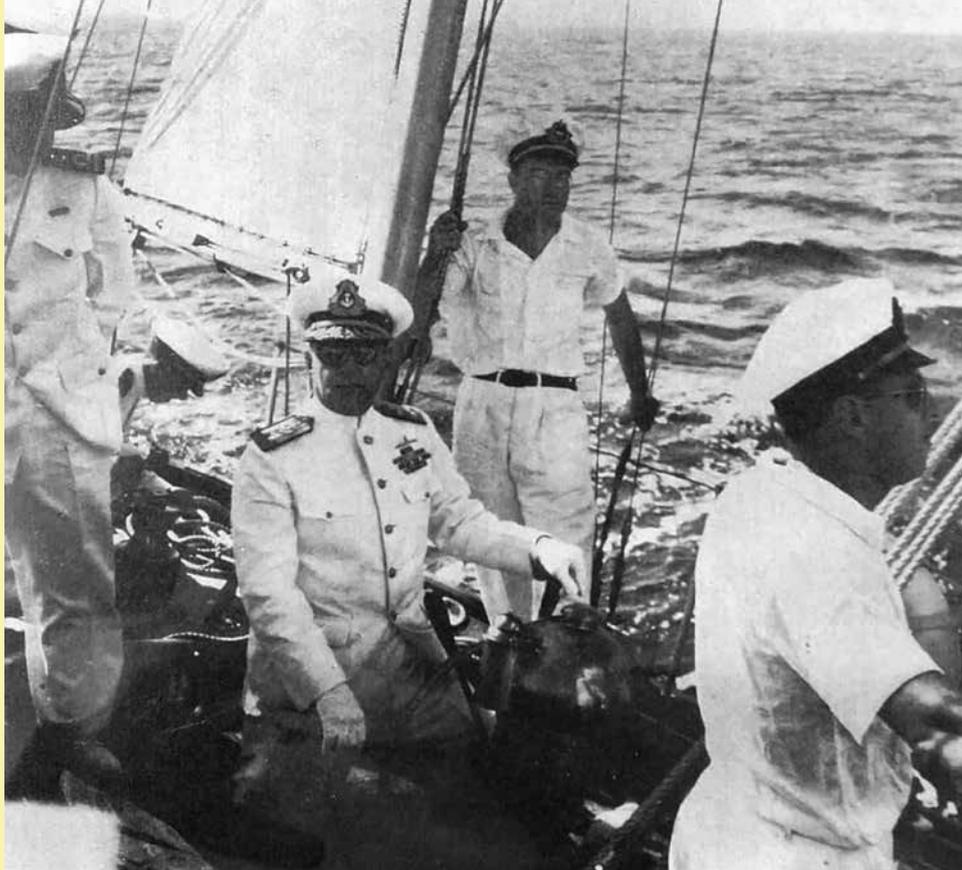


Figura 2 - Almirante Lemos Basto a bordo do Iate *Vendaval*

Fonte: acervo do Departamento de Formação Marinheira da EN

gajamento lembrou Riachuelo! Após alguns disparos de 75mm, os navios legalistas, de maior porte, empregaram a tática de abalroamento e abriram fogo com fuzis e metralhadoras pesadas, de posse do contingente do Exército que havia embarcado nos mercantes. Além de ter posto a pique as embarcações, o ataque ocasionou cerca de 50 baixas entre os rebeldes. Vitória das Forças legalistas!

O telegrama do Ministro destacava “a iniciativa, coragem, responsabilidade e inteligente atuação com êxito e sem perda de vidas para as Forças” (BITTENCOURT, 2012, p.47).

No ano seguinte, içou seu pavilhão de Comandante da Flotilha do Amazonas no Encouraçado *Florianópolis*, atuando como componente naval da Força de Ocupação da Fronteira do Brasil, Peru e Colômbia, que tinha a tarefa de manter a neutralidade do nosso país, durante o conflito que ficou conhecido como Guerra de Leticia.

Promovido a Capitão de Mar e Guerra, comandou o histórico Encouraçado *Minas Gerais*.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi Comandante do Comando Naval do Leste. Seu desempenho foi considerado pelo Almirante Gerson de Macedo Soares, na época Chefe do Estado-Maior da Força Naval do Nordeste, como “o mais eficiente dos comandos navais” (SOARES, 2012, p.166).

Lemos Basto não era somente um homem de ação, mas também das letras e do desporto. Em 1932, venceu o tradicional Prêmio Almirante Jaceguay, apresentando o trabalho “A ligação entre as Marinhas de Guerra e Mercante”. Foi membro fundador, diretor-secretário e diretor-presidente da Liga de Esportes da Marinha, criada em 1916 por um grupo de oficiais entusiastas da prática esportiva.

As qualidades desse grande chefe naval ficaram mais uma vez em evidência, quando assumiu, em 30 de março de 1940, a Direção da Escola Naval, onde seu nome se tornou um marco pela liderança firme e conduta impecável. Sobre o Almirante, assim se expressou um Aspirante da Turma de 1941, a quem chamava de “Grande Chefe”:

Fomos recebidos pelo Almirante Lemos Basto com uma preleção repleta de incentivos a nos-

so procedimento na Escola e na Marinha, na qual se destacou um lema: “Espadas afiadas e morrões acesos”. Era época da Segunda Guerra Mundial, e ele nos alertava para a condição de prontidão que deveríamos incorporar ao nosso estudo e adestramento, ligando as tradições do passado às responsabilidades do presente. (SKINNER FILHO, 2004, p.165).

Ao final do primeiro ano de comando, que coincidia com o término do ano letivo, Lemos Basto determinou o embarque de todo o Corpo de Aspirantes em um navio do Lloyd Brasileiro em viagem de instrução pelo Brasil, com dois meses de duração. Embora na época os Aspirantes não tenham ficado satisfeitos por perder as férias, mais tarde alguns reconheceram a importância da viagem.

Um grande acontecimento que o Almirante Lemos Basto produziu nesse nosso começo de vida naval foi a viagem de instrução pela costa do Brasil que ele organizou muito bem, a bordo do navio de passageiros, do Lloyd, Pedro I. (SOUZA, 2001, p.135).

Em todos os portos tínhamos uma palestra de um ilustre historiador local sobre as razões dos portugueses terem construído aquelas fortalezas e as diversas operações contra-ataques ao país. Também houve a visita do corpo de alunos aos principais estabelecimentos industriais existentes nas proximidades dos portos. (VIANNA, 2013, p.19).

Sob todos os aspectos, a viagem foi muito proveitosa. Nos portos, foram realizadas conferências por autoridades locais, visitas a estabelecimentos militares e civis, recepções, competições esportivas com clubes locais, etc... (FONSECA, 1999, p.75).

A preocupação do Diretor com a formação acadêmica dos seus Aspirantes não o impedia de incentivar os esportes, principalmente o iatismo. Por sua iniciativa, foi criada, no primeiro ano de seu comando, a Volta à Ilha Rasa, regata na qual participaram veleiros de grande porte. Não parou por aí. No ano seguinte,

Lemos Bastos cria, também, a regata de ida e volta à Ilha Grande, com contorno no farol de Pau a Pino, em 1941, num total de 120 milhas de percurso. Esse evento é a primeira regata de oceano do Brasil. O Alm. Lemos Bastos torna-se de forma decisiva o iniciador das regatas de oceano no Brasil. (CARDOSO, 2007, p.81).

A participação dos Aspirantes representando a Escola em grandes regatas a vela motivou o Almirante a fundar, em 14 de janeiro de 1941, a Ordem dos Ve-



Figura 3 - Ordem dos Veleiros da Escola Naval  
Fonte: Departamento de Formação Marinheira da EN

leiros da Escola Naval. A Ordem possui os graus de Marinheiro, Patrão, Capitão e Capitão Mor, este último reservado ao Comandante da Escola em exercício. Pertencem à Ordem aqueles que se destacam por serviços relevantes prestados ao iatismo na Escola Naval ou no Brasil. Os agraciados com os distintivos e diplomas referentes ao grau conquistado na Ordem dos Veleiros têm seus nomes lançados em livro histórico que, seguindo as águas das tradições navais, é escriturado desde a sua fundação.

Dois anos após a fundação da Ordem dos Veleiros, foi criado o Grêmio de Vela da Escola Naval (GVEN), que até hoje mantém vivo o espírito marinheiro transmitido por diversas gerações de Aspirantes Velejadores.

A excelência da performance de Lemos Basto durante seu comando na Escola Naval pode ser vislumbrada nas palavras do Almirante Maximiano da Fonseca, Ministro da Marinha no período de 1979 a 1984:

O Almirante Lemos Bastos, quando diretor da Escola, tomou uma série de providências

no sentido de aprimorar o preparo profissional e social dos aspirantes. Criou a Ordem dos Veleiros para incentivar a prática do esporte da vela, sem dúvida de grande importância; procurou incentivar atividades de ordem prática que também contribuíssem para o preparo profissional. No que se refere à parte social, contratou um professor para ensinar a dançar os aspirantes que eram fracos nessa ‘matéria’; contratou um “maitre d’hôtel” para fiscalizar e corrigir o comportamento dos aspirantes à mesa. (FONSECA, 1999, p.78).

Considerando o pioneirismo e a importância do Almirante Alberto de Lemos Basto para o desenvolvimento do esporte náutico na Escola Naval e no Brasil e seus prestimosos serviços para a Marinha do nosso país, este artigo presta homenagem a um Oficial de Marinha que por suas qualidades tornou-se um exemplo a ser seguido pelos “Sentinelas dos Mares”.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Luiz Edmundo Brígido. O Brasil declara guerra ao Eixo – 70 anos. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 132, n° 4/6, abr./jun. 2012.
- CARDOSO, Fernando Antonio Garrido. A Regata Escola Naval: do lazer à performance, um grande espetáculo. *Revista de Villegagnon*, ano II, n.2, p.80-86, 2007.
- SKINNER FILHO, Gabriel. Lemos Basto, meu Comandante. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 124, n° 10/12, out./dez. 2004.
- FONSECA, Maximiano da Silva. *De Taboas a Brasília*. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1999.
- SOARES, Gerson de Macedo. Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 132, n° 4/6, abr./jun. 2012.
- SOUZA, José Carlos Coelho de. A turma de guardas-marinha de janeiro de 1944. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 121, n° 4/6, abr./jun. 2001.
- VIANNA, Antonio Didier. *Competitividade e a indústria brasileira: por que o Brasil não é competitivo?* 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica Digital, 2013.